

**(Pós)Feminismos e
diversidades em
performances: memórias e
oralidades em
desconstrução**

(Post) Feminisms and diversity
in performances: memories and
orality in deconstruction

(Post) Feminismos y la
diversidad de actuaciones:
recuerdos y la oralidad en la
deconstrucción

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky^{1, 2, 3}

RESUMO

Esse artigo trata de um projeto de pesquisa e de extensão que teve como objetivo o reconhecimento cultural e social de sujeitos das diversidades - especialmente ligados aos grupos culturais e movimentos sociais (pós)feministas - e de suas várias performances, artísticas e políticas, sendo que as expressões performáticas muitas vezes ganharam consistência com o recurso às oralidades. O ato de narrar histórias criou e favoreceu práticas performáticas e políticas que iniciaram, formaram, atualizaram as pessoas em torno das complexas dinâmicas que fazem partes das políticas públicas, sobretudo quanto ao conhecimento e reconhecimento em torno das questões das diversidades e discussões sobre cidadanias culturais na

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça, realizado de 10 a 13 de julho de 2012 no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

² Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutorado em História da Ciência, no Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência/Programa de Pós-Graduação em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Graduação em História - Bacharelado e Licenciatura pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado em História Social. Professora adjunta no Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas e concursada na área de Conflitos Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: andrea.santos@ufabc.edu.br.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do ABC (UFABC). R. Abolição, S/N - Vila Sao Pedro, Santo André - SP, 09210-180, Brasil.

contemporaneidade, que ressignificam constantemente práticas e valores culturais de memória e identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade; Performances; Políticas públicas; Diversidades; Feminismos.

ABSTRACT

This article deals with a research and extension project that aimed to the cultural and social recognition subject of diversity - especially related to cultural and social movement groups (post) feminist - and its various performances, artistic and political , and the performing expressions often gained consistency with the use of orality . The act of narrating stories created and favored performing and political practices initiated , formed , updated people around the complex dynamics that are part of public policies, especially with regard to knowledge and recognition around the issues of diversity and discussions on cultural citizenship in contemporary , which resignify constantly practices and cultural values of memory and identity.

KEYWORDS: Orality; Performances; Public policy; Diversity; Feminism.

RESUMEN

Este artículo trata de un proyecto de investigación y extensión que tuvo como objetivo el reconocimiento cultural y social tema de la diversidad - especialmente en relación con los grupos culturales y sociales del movimiento (post) feminista - y sus diversas actuaciones, artísticas y políticas , y las expresiones escénicas menudo ganaron la coherencia con el uso de la oralidad . El acto de narrar historias creadas y favoreció la realización y prácticas políticas en marcha , formada , la gente actualizada en torno a las dinámicas complejas que forman parte de las políticas públicas , especialmente en relación con el conocimiento y el reconocimiento en torno a los temas de la diversidad y los debates sobre la ciudadanía cultural en contemporáneo, que resignificar constantemente las prácticas y los valores culturales de la memoria y la identidad.

PALABRAS CLAVE: Oralidad; Actuaciones; La política pública; La diversidad; El feminismo.

Recebido em: 31.01.2016. Aceito em: 27.02.2016. Publicado em: 30.05.2016.

Introdução

Diversidades em Performances foi um projeto de extensão transdisciplinar que o Grupo de Pesquisa ABC das Diversidades – Conflitos sociais, diversidades culturais e tecnologias, da Universidade Federal do ABC (UFABC), promoveu para criar um espaço de exposição das temáticas e de práticas culturais, artísticas e científicas. Em eventos periódicos. Buscou-se reunir acadêmicos, artistas, ativistas, pessoas da comunidade em geral, em torno das questões das diversidades e discussões sobre cidadanias culturais na contemporaneidade, que ressignificam constantemente práticas e valores culturais de memória e identidade. Assim, o Grupo de Pesquisa ABC das Diversidades – sob inspiração do projeto pedagógico da recém-criada UFABC, que se pretende inovadora por ressaltar seu viés interdisciplinar – pretendeu articular na prática as atividades de pesquisa que desenvolveu com a execução de um projeto de extensão. Para tanto, conta com o apoio e o financiamento da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), por meio da aprovação do projeto em edital, que permitiu a distribuição de duas bolsas para estagiários, além de contar com uma equipe de estagiários voluntários e colaboradores, entre estudantes, artistas e professores de várias instituições.

As práticas de pesquisas e de extensão têm nos levado a pensar que a formulação das Políticas Públicas e a atuação do Estado no século XXI exigem o estudo das demandas das chamadas minorias e grupos que até pouco tempo não faziam parte da tomada de decisão nos assuntos públicos. Neste contexto, de exercício de construção permanente da democracia, os eventos mensais realizados com pessoas e grupos de dentro e de fora da academia, junto ao Projeto Diversidades em Performances colocaram em diálogo agentes políticos, ativistas, artistas e acadêmicos com o objetivo de realizar performances artísticas e culturais e promover um espaço de debate privilegiado sobre políticas e práticas para as populações das diversidades, sobretudo as de gênero, sexuais, étnicas e socioeconômicas.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

Dessa forma, o projeto de pesquisa e de extensão teve como objetivo o reconhecimento cultural e social de sujeitos das diversidades e de suas várias performances, artísticas e políticas, sendo que as expressões performáticas muitas vezes ganham consistência com o recurso às oralidades. Nessa direção, o projeto criou e favoreceu práticas performáticas e políticas que iniciaram, formaram, atualizaram as pessoas – tanto os estudantes quanto os membros dos mais diversos movimentos culturais e sociais que participam delas – em torno das complexas dinâmicas que fazem partes das políticas públicas, sobretudo quanto ao conhecimento e reconhecimento de agentes sociais, econômicos, culturais, políticos, do Estado e das suas instituições.

Os participantes do Projeto Diversidades em Performances são de comunidades da região do ABC e da capital paulista, em especial agentes do poder público, de entidades civis feministas e de membros da população LGBTTs entre outros grupos voltados às questões de gênero, de diversidade sexual e étnicas; profissionais ligados às políticas públicas; estudantes da graduação e pós-graduação, técnicos-administrativos e docentes da UFABC e de outras instituições de ensino e pesquisa de São Paulo e de outros estados; ativistas e artistas que tenham interesse nas atividades artísticas e culturais de performance e política, bem como pessoas da comunidade em geral.

Esses sujeitos protagonizam diálogos e práticas de performance e política, relacionando-as à arte performática, problematizando identidades fixas, estereótipos e preconceitos por meio da mobilização e da hibridização de diversas linguagens em convergência: oral, escrita, poética, audiovisual, musical, fotográfica, cibercultural, entre outras. Sem dúvida, no caso dessa experiência, a oralidade é a linguagem que predomina e articula outras linguagens e tecnologias para a percepção dos corpos, de corporalidades, de afetos, sentimentos, sensações e significações plurais (ZHUMTOR, 2007; SANTOS, 2011a). É importante destacar que o projeto Diversidades em Performances surgiu no âmbito do processo de construção do Grupo de Pesquisa

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2especial1p59>

ABC das Diversidades, da UFABC, que propõe o estudo amplo e sistemático das várias expressões dos conflitos na contemporaneidade.

Consideram-se dimensões econômicas, políticas, culturais, artísticas, ambientais, científicas, tecnológicas, que requerem olhares críticos de pesquisas inter/transdisciplinares a partir de categorias de análise transversais, como classe, gênero, etnia, geração, entre outras. Ao longo do desenvolvimento do projeto, consideramos que as questões relacionadas à memória e à identidade e aos diversos tipos de narrativas e performances contemporâneas são fundamentais para o estudo e a compreensão de dimensões identitárias e subjetivas que envolvem a diversidade cultural de sujeitos e grupos em disputa por valores materiais e imateriais, por protagonismos em trajetórias históricas e em políticas públicas. Isso abrange a investigação, a problematização e o reconhecimento de processos de identificação e de subjetivação efetivados por diversas linguagens em manifestações simultaneamente culturais, artísticas e políticas, que escapam à reducionismos e pontos de vista únicos (BAUMAN, 2003; HALL, 2006; SANTOS, 2007, 2011a, 2011b).

Os projetos desenvolvidos e, em particular, o projeto Diversidades em Performances, trataram de temáticas complexas, em que ciência e tecnologia e os distúrbios contemporâneos são palavras-chave para o entendimento e a visibilidade das manifestações sociais, culturais, artísticas e políticas, que ganham contornos diferentes e inusitados na era da cultura digital. Nessa direção, as pesquisas e as ações de extensão trazem múltiplas contribuições teóricas e metodológicas das áreas de Humanidades e de Artes para dialogar com campos interdisciplinares como o de Estudos Culturais, Estudos de Performance e do Corpo (SCHECHNER, 2006; GOLDBERG, 2006; TAYLOR; TOWNSEND, 2008; RICHARD, 2008; COHEN, 2009; GLUSBERG, 2009; BEYUS, 2010; CARLSON, 2010).

As oralidades, com ênfase nas possibilidades trazidas pelas práticas e processos ligados à história oral, são vetores de expressão democrática, polifônica e plural de memórias materializadas no compartilhamento e no registro de

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

experiências. Estas são mais do que narradas: são permanentemente transformadas performances, ou seja, em comportamentos expressivos complexos, contraditórios, ambíguos. As performances – sejam orais ou mescladas com outras linguagens e tecnologias – são (re)interpretadas, ritualizadas, hibridizadas, performatizadas, no ato da fala e em gestos do corpo, e suas apropriações são infinitas, impensáveis, inusitadas, traduzindo-se em novas performances daqueles que se dispõem a interagir e (re)criar outros discursos e comportamentos expressivos. Atento a essas proposições, o projeto Diversidades em Performances, alinhado com as temáticas propostas pelo Grupo de Pesquisa ABC das Diversidades – Conflitos sociais, diversidades culturais e tecnologias, criou um perfil de atuação cultural, política e artística acerca de temáticas privilegiadas para serem trabalhadas, tais como: 1 – Conflitos, instituições, grupos, políticas públicas e direitos humanos (conflitos locais e globais; guerras, manifestações, ativismos; direitos humanos, autoritarismos e totalitarismos; memória, guerras e traumas); 2 – Diversidades, memórias, identidades e cidadanias (identidade, ciência e tecnologia na cultura digital; políticas de identidade, diversidades e cidadanias culturais; gênero plural e diversidade sexual; diversidades políticas e étnicas; memórias e identidades de movimentos sindicais, sociais e culturais; memórias e narrativas de movimentos de extrema-direita). 3 – Corpos, performances, tecnologias e processos artísticos e culturais (gestão social e políticas culturais; tecnologias sociais e culturais; processos, produtos e movimentos artísticos e culturais; Estudos de Performance e Performance Art; corpo e tecnologia). Diversidades em Performances desenvolveu-se como um projeto transitório, fluído, em constante processo de desconstrução, ancorado em práticas de redes colaborativas. A equipe realizou debates públicos sempre em conjunto com atividades culturais e artísticas, tais como oficinas de audiovisual, grafite e estêncil; workshops de arte, ciência, tecnologia e performances; flashmobs; criação de blogs e participação nas redes sociais. Por meio de práticas culturais, políticas e debates teóricos correlatos, buscamos a não hierarquização de saberes e a troca contínua

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

entre as diversas formas de produção de conhecimento em performances e linguagens híbridas.

Neste sentido, foi um projeto inserido e crítico da realidade dita pós-moderna, na qual grandes debates se manifestam e se multiplicam em ações ora articuladas, ora fragmentadas, que podem ter como desdobramentos tanto práticas e posturas, céticas ou niilistas quanto emancipatórias, que explicitam e exploram ambiguidades e contradições como parte dos processos criativos, sejam artísticos ou científicos.

A abertura do projeto Diversidades em Performances foi emblemática do tipo de ação acadêmica, artística e cultural proposta. Ocorreu nos dias 7 e 8 de março de 2012, por ocasião da Semana do Dia Internacional da Mulher, em parceria com funcionários de vários órgãos da UFABC (Biblioteca, Assistência à Graduação); estudantes do Diretório Acadêmico; militantes de movimentos feministas (Movimento Olga Benário e Promotoras Legais Populares de Santo André) e algumas representantes do poder público municipal de São Bernardo do Campo e de Diadema, executoras das políticas públicas voltadas para as O registro do debate e das performances desenvolvidas na oficina de grafite e estêncil podem ser conferidas no blog Diversidades em Performances, feito pela equipe do projeto a partir de pressupostos de uma cultura digital livre, transdisciplinar e colaborativa. Disponível em: <http://diversidadesemperformances.wordpress.com/diversidades-em-performances-mensais/marco2012-abertura-diversidades-em-performances/> Acesso em: 07/06/2012. mulheres na região (Casa Beth Lobo – Diadema, Assistência Social da Delegacia de Mulheres e Gerência de Políticas para Mulheres de São Bernardo do Campo).

É sabido – e são inumeráveis as pesquisas e as expressões artísticas e culturais que utilizam para tratar disso das oralidades e dos processos de produção de conhecimento em história oral – que a violência contra as mulheres é estrutural e inerente aos sistemas patriarcal e capitalista no qual estamos inseridos. E é usada como uma ferramenta de controle da vida, do corpo e da sexualidade das mulheres

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

por homens, mas também – por mais absurdo que pareça – por grupos de diversos gêneros e orientações sexuais, incluindo homens e mulheres, instituições patriarcais e Estados, que impõem uma necessidade de controle, de apropriação e de exploração dos corpos, das vidas e das sexualidades femininas. O senso comum e a ideia geral que se tem sobre a violência contra as mulheres é que se trata de uma situação extrema ou localizada, envolvendo pessoas individualmente. Porém, ela nos toca a todas e todos, possuindo suas raízes nas diversas expressões da questão social e cultural, apresentando-se de forma diferenciada e complexa quando cruzamos categorias de gênero, com diversidade sexual, étnica, religiosa, geracional ou de classe social. Apesar de afetar as mulheres como grupo social, cada violência tem um contexto específico e temos que compreender como, quando e por que ocorre a violência contra as mulheres. Sabemos que esse tipo de violência é transversal e permeia todas as classes sociais e diferentes culturas, etnias, gerações, religiões e situações geopolíticas, marcadamente heterogêneas.

Narrativas e performances emocionantes mostraram que, apesar de ser mais comum na esfera privada, como violência doméstica – seja esta sexual, física, psicológica – a violência contra as mulheres e meninas ocorre também na esfera pública. Todos os dias são praticados crimes que permanecem impunes, tais como feminicídio, assédio sexual e físico no lugar de trabalho, abuso sexual e diferentes estupros, mercantilização do corpo das mulheres, tráfico de mulheres e meninas, prostituição, pornografia, escravidão, esterilização forçada, lesbofobia, negação do aborto seguro e das opções reprodutivas e autodeterminação, etc.

O silêncio, a discriminação, a impunidade, a dependência das mulheres em relação aos homens e às estruturas familiares conservadoras, assim como justificações teóricas e psicológicas das formas de violência, acabam por tolerar e agravar, mesmo que inconscientemente, a violência contra as mulheres. No dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário); equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho, o que até hoje, segundo pesquisas recentes, acontece com mulheres negras no Brasil); e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas, num ato totalmente violento e desumano. Porém, somente no ano de 1910, durante uma conferência na Dinamarca, ficou decidido que o 8 de março passaria a ser o “Dia Internacional da Mulher”, em homenagem às mulheres que morreram na fábrica, em 1857. Somente no ano de 1975, através de um decreto, a data foi oficializada pela ONU (Organização das Nações Unidas).

No âmbito do nosso projeto, ao se enfatizar a importância desta data, não se pretendia apenas comemorar. Na maioria dos países, realizam-se conferências, debates e reuniões cujo objetivo é discutir o papel das mulheres na sociedade atual e denunciar a continuidade histórica de injustiças e violências que precisam ser questionadas e eliminadas. Portanto, a abertura do Projeto Diversidades em Performances, nessa ocasião, visava celebrar, (re)memorar e performartizar este dia de luta internacional com toda a comunidade acadêmica e externa, promovendo um debate e um conjunto de práticas artísticas, culturais e políticas sobre os enfrentamentos cotidianos realizados pelas mulheres na luta por sua sobrevivência, na tentativa de diminuir as desigualdades pois, mesmo com todos os avanços e muitos direitos conquistados, as mulheres ainda sofrem violências de todo o tipo.

Destacamos aqui, além dos crimes sexuais mais comuns, o não reconhecimento da diversidade sexual e étnica feminina; a carência de acesso aos cuidados específicos da saúde da mulher; os preconceitos e estereótipos; a obrigação de se adequar a padrões de beleza e consumo inacessíveis; os salários baixos; as

jornadas múltiplas e excessivas de trabalho; as desvantagens na carreira profissional; a representação minoritária nas esferas de decisão pública, entre outros problemas a serem diagnosticados, debatidos e enfrentados.

No primeiro dia do evento, 7 de março, foi montada uma exposição de fotos, com projeção de frases, seleção de poesias num varal poético e realizada uma oficina de grafite e estêncil, com a elaboração de cartazes e a pintura de camisetas que contavam com imagens e slogans das lutas feministas, pela diversidade de gênero, sexual e étnica. Todas as atividades artísticas e culturais foram paralelas a uma mesa de debate que tratou da história do feminismo, da construção dos conceitos de gênero e de diversidade sexual, das problematizações colocadas pelo pós-feminismo e dos múltiplos papéis das mulheres na sociedade contemporânea.

Um dos temas abordados foi principalmente como a mídia fala do universo feminino, com destaque para a mercantilização do corpo, a disseminação, naturalização e universalização de preconceitos e estereótipos sobre o que significa ser mulher. Reforçou-se a ideia de que está por ser feito cotidianamente um amplo debate e um conjunto sistemático de práticas artísticas, culturais e políticas que construam e desconstruam permanentemente novas significações em torno do gênero plural, do corpo, das corporeidades e da necessidade de políticas artísticas e culturais que tratem a diferença em outros termos que não o da transformação das mesmas em desigualdades.

No dia seguinte, 8 de março, em continuidade com as atividades artísticas, culturais e políticas realizadas, houve uma mesa de debate sobre a temática do corpo, sobretudo dos direitos e dos cuidados que as mulheres desejam para si. Nesse sentido, um tema contundente foi o da violência e das políticas públicas de atenção às mulheres que passam por situações traumáticas e degradantes. Assistente social, psicóloga, gestora de política pública, líderes de movimentos feministas realizaram performances de oralidades para tratar de assuntos polêmicos. Suas narrativas enfatizaram como os micropoderes, os dispositivos de controle e a disciplinarização

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

do corpo feminino são levados adiante, de forma consciente e inconsciente, por qualquer sujeito no âmbito da vida privada e, principalmente, pelo Estado, pelo mercado e pelas instituições religiosas, destacando problemas em torno da concepção de família, de condição feminina, de vida, de direitos humanos.

Na organização das nossas atividades de pesquisa e extensão, observamos que a questão feminista e pós-feminista, frequentemente tratada com o recurso da criação de documentos a partir de expressões da oralidade feminina, ganhou relevância desde o contexto histórico pós-ditadura e de transição democrática no Brasil e em vários outros países da América Latina, como Argentina e Chile. Nessa direção, o feminismo se constituiu também graças à força de narrativas de mulheres que performatizaram suas memórias em busca de democracia.

Os feminismos em suas múltiplas vertentes feministas e pós-feministas – estas últimas notadamente críticas dos universalismos das definições teóricas e do enquadramento de práticas políticas, culturais e artísticas em modelos explicativos únicos – se configuraram como mundo íntimo ou subjetividade e também como sentido de pertencimento no tempo e no espaço, recriando comportamentos expressivos, isto é, performances subjetivas, identitárias e pós-identitárias. Os feminismos tornaram-se uma das mais poderosas correntes críticas do pensamento ocidental na contemporaneidade, e foi no papel de crítica cultural contundente que desvelou tensões entre pensamentos, expressões e práticas acadêmicas que se pretendiam universais (LOURO, 2001; SCHECHNER, 2006; MATOS, 2008; RICHARD, 2008). Para tanto, ao longo das últimas três décadas, pelo menos, as expressões e performances de oralidades foram sistematicamente criadas, divulgadas e constantemente reinterpretadas, e isto pode ser observado na quantidade de produções acadêmicas e artísticas que se valeram de depoimentos de mulheres, com destaque para suas histórias de vida (SANTOS, 1996; SANTOS, RIBEIRO, MEIHY, 1998).

O compromisso das lutas feministas com o questionamento de políticas públicas patriarcais e o debate de temas polêmicos levou à elaboração de novas

políticas públicas para mulheres e, igualmente, para outras possíveis identidades em torno da diversidade de gênero e sexual de grupos LGBTTs . Gêneros fluidos e inconstantes, inexplicáveis sob a ótica de uma lógica binária do pensamento cartesiano, ganharam reconhecimento e visibilidade, com a incorporação das críticas das teorias feministas e dos estudos culturais na construção do debate público sobre diferenças, desigualdades e conflitos sociais (LOURO, 2001; MATOS, 2008; RICHARD, 2008).

A arte e a política são espaços privilegiados de ação dos movimentos feministas e LGBTTs, porque estes propõem outras maneiras de se vivenciar e construir políticas e estéticas da memória, que consideram em seu horizonte múltiplas entradas e saídas dos direitos culturais. A performance, como prática artística e política, emerge como giro cultural da crítica feminista sobre o simbólico, sobre o expressivo, como lugares de disputa, reveladores de como as ciências sociais perderam sua influência no feminismo, com a ascensão da arte, da filosofia e do campo da cultura.

Houve mudança da nova crítica feminista, um direcionamento para uma virada cultural, como orientação necessária para incidir sobre lutas por significação na sociedade, que vão além das lutas políticas nas instituições tradicionais de poder, como o Estado e as de cunho religioso. Trata-se da disputa pelo imaginário e pelos mundos simbólicos sobre o qual o feminismo vai se preocupar, num movimento que alguns denominaram também de desconstrução, de pós-feminista. Seu objetivo é desmontar a mulher como signo universal, propondo teorias antiessencialistas e outras práticas identitárias fluidas, em que estão em pauta linguagens, hegemonias, representações, poderes e discursos. Nessa perspectiva, nossas propostas de pesquisa e extensão no Projeto Diversidades em Performances debruçaram-se sobre práticas diversas num campo de realização simbólica em torno do domínio político dos signos, considerando que várias teorias consagradas do campo da semiótica e da análise de discursos já desmontaram a ideia de que os signos são neutros e

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

desinteressados (SANTAELLA, 2003; 2007; RICHARD, 2008), como ainda muitas teorias essencialistas e universalistas que atravessam as práticas científicas, artísticas e políticas nos querem fazer crer.

Nessa abertura, procuramos ouvir relatos das mulheres que narraram seus protagonismos nas lutas sociais, além de grafitar – uma atividade artística e cultural considerada típica do universo masculino – exatamente para pontuar que fazer a crítica cultural feminista e pós-feminista passa pela construção de significações provocativas e heterogêneas.

O fazer (pós)feminista contemporâneo é híbrido, tem um caráter de construção sobre o que se chama realidade, com intenção consciente de participar do jogo político e no debate epistemológico em nossa sociedade sobre o que é conhecimento, arte, cultura. Por isso, as atividades propostas na Semana do Dia Internacional da Mulher, assim como outras que se seguiram no âmbito do Projeto, visam desestabilizar os sistemas de representações tradicionais e conservadores que articulam as subjetividades e, por conseguinte, o que está posto como hegemônico na sociedade: signos duais, binários, fixos e essencializados de homem e de mulher, que organizam os corpos com naturalizações de questões sobre masculino e feminino, historicamente construídos e que precisam ser desconstruídos, desnaturalizados e reinventados.

Alguns registros sobre oficinas de Arte, Ciência, Tecnologia e Performance, flashmobs e outras oficinas de grafite e estêncil estão disponibilizados em textos, fotografias e vídeos no blog Diversidades em Performances. Disponível em: <http://diversidadesemperformances.wordpress.com/> Acesso em: 07/06/2012. 10 É interessante observar como nas performances de oralidades há permanentes contradições, em que narrativas ambíguas constroem o signo mulher atado a naturalizações e desnaturalizações. E é na experiência do fazer da crítica feminista e pós-feminista que se desata, desnaturaliza o signo mulher como algo homogêneo, pré-concebido, predestinado a determinados papéis e performances na sociedade. O

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

olhar cultural é requerido para desmontar a confusão entre natureza e significação, provocando a insurreição dos saberes submetidos, especialmente sobre a disciplinarização dos corpos (FOUCAULT, 2004; 2006; 2009).

A crítica feminista e pós feminista, assim, se propõem a desmontar os protocolos dos saberes acadêmicos disciplinados, os que são credenciados e os que são desqualificados, fazendo principalmente a crítica da especialização e da disciplinarização. Em projetos de pesquisa e extensão, a crítica (pós)feminista também trabalha fora da academia com práticas que visam desconstruir e romper com o princípio de não interferência do saber universitário e, por isso, convoca os movimentos sociais e culturais, os artistas e os ativistas para agirem coletivamente, mesmo sob diferentes perspectivas.

Posto assim, o debate (pós)feminista no projeto Diversidades em Performances realizou a crítica da separação entre ação e pensamento em territórios múltiplos, tanto a partir das disciplinas quanto de outros lugares, como a rua, a política, o cotidiano, para que a teoria arme conexões múltiplas com os sujeitos das diversidades e suas performances de oralidades.

Nessa direção, dialogamos com novas produções críticas dos (pós)feminismos teóricos inclinados ao cultural, visando mapear voltas e revoltas mais do que abastecer a indústria de papers e artigos científicos fajutos e superficiais demandados pelas instituições de ensino superior e de financiamento de pesquisa. A teoria, assim performatizada em ações de extensão, pode ser concebida como ficção apaixonada, sem reconhecer fronteiras entre estéticas e políticas, criando conceitos como metáforas que se movem contra o saber científico social numerável e quantificável que controla a sociedade.

Surgem linguagens, estilos e vozes, fazendo desse tipo de crítica (pós)feminista uma crítica cultural em múltiplos sentidos, porque examina a cultura como representação e (re)interpretação constante, mutável e fluida, em todas as linguagens; porque critica a sociedade e expõe as lutas por (pós)identidades e por

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

forças de mudanças; porque se autocrítica, desconstrói-se para possibilitar novas construções, faz com que os conceitos e as teorias movam-se tanto quanto os sujeitos e grupos em sociedade.

Preocupamo-nos com o que está disperso, fragmentado, desarticulado, residual e valorizamos as ambivalências, as contradições num mundo em que isto é desprezado em análises retas.

Queremos pesquisa e extensão com indeterminação, recriando subjetividades em processos que sacodem nomes e corpos já classificados. As artes, as literaturas, as dimensões culturais revelam que há saberes e verdades sobre universos reprimidos, inconscientes, sobrepostos, trazendo à luz outras ordens dos signos e os papéis insondáveis da fantasia, do imaginário e do prazer, desmistificando a comunidade de linguagem e a oralidade como ferramenta universal e totalizadora. Assim, as artes, as literaturas, as performances podem ajudar a ver outras questões para além das linguagens normalizadoras do social.

O artístico contempla subjetividades feministas e pós-feministas que estão em muitos lugares fora de lugar e, especialmente, artes e literaturas como narrativas do real e sobre o real, emergem como testemunhas de algo que importa e podem construir perguntas sobre a democracia, o corpo, o feminino, o gênero plural e seus inúmeros sentidos (im)possíveis.

As performances de oralidades trazem questões sobre as diferenças e as diversidades sexuais, de gênero, étnicas, econômicas e políticas e questionam assim uma noção universal de democracia, pois as demandas feministas, pós-feministas e LGBTTs têm corpos e nomes sem lugar e fora de lugar, vistos como impróprios. Por isso, propusemos o descentramento para reclamar contra as hierarquias oficiais, o reconhecimento do conflito entre a realidade e a aparência, entre o realismo prático e quantificável e as sombras que escapam a ele. Nossas ações visam estimular representações alternativas das mulheres, pensando identidades e diferenças para além das ordens binárias, do sim e do não, que não admitem pluralização, sacudindo

os códigos de estruturação de sentido que contradizem as representações hegemônicas dos corpos e dos nomes, colocando identidades e diferenças pensadas em termos de confrontação de signos para romper com totalizações identitárias.

A crítica (pós)feminista desconstrutiva problematiza o feminismo estabelecido nos anos de 1980 e que normaliza, se oficializa e se materializa em muitas políticas públicas em andamento, que essencializam o gênero como categoria universal, pois parte de uma ótica pós-estruturalista que suspeita de uma mulher como totalidade unificada e como conjunto estável de questões sexuais. Apresentamos assim, em performances de oralidades e de linguagens hibridizadas, a enorme multiplicidade de identidades e de significações de seres que se autodenominam como “mulher”, numa perspectiva que desfaz e se refaz mediante as posições do objeto, variedade de interesses e conflitos que vão além da oposição sexual entre masculino e feminino. Assim, apresentamos marcas de identificação e diferenciação sexual como múltiplos sentidos, sendo que o feminismo contemporâneo se define como ambiguidade, multiplicidade e não mais nos polos masculino e feminino, num desafio que desconfigura interna e externamente, posto que essa desconstrução fragiliza um passado coletivo e há o ressentimento de determinados grupos contra outros, frente ao debilitamento pós-moderno das narrativas de identidade fixas, agora tomadas como fragmentárias e parciais, sempre instáveis.

Conclusão

Dessa forma, os (pós)feminismos emergem como reversos assimétricos do sistema patriarcal, das diferenças para as diferenças que se multiplicam entre as mulheres, como cruzamento de várias coordenadas de poder, cultura, hegemonia e resistência. As críticas feminista e pós-feminista se estabelecem não mais para afirmar uma propriedade de gênero, mas como forças que impulsionam os gêneros entre a unidade e a fragmentação, entre a autonomia e a heterogeneidade,

colocando questionamentos sobre noções de comunidade e desidentidade ou pós-identidade, pertença e exclusão (LOURO, 2001; RICHARD, 2008).

Inspiramo-nos nas reflexões de Guacira Lopes Louro e Nelly Richard quando tratam de múltiplos questionamentos da linearidade e das categorias essencializadas. O feminismo sublinha os cortes, as fissuras que existem em todos os processos significativos de identidades, pluralizando cada eu, cada sujeito, subjetividades abertas incontáveis. Nessas reflexões, as críticas não se limitam às categorias sociológicas de matrimonialidade, de mulher, de família, e reformulam-se a partir da separação entre o nome e o corpo, entre o classificável e o inclassificável, ressaltando conflitos de valor, poder, representação e interpretação.

Interessamo-nos por figurações imaginárias e simbólicas das artes, da literatura, da performance, com destaque para a força da linguagem oral, em novas montagens de percepções e da consciência que desafiam a assimilação de matrizes de significação única, num entrar e sair de composições de identidades, como um zigue-zague. Surgem nas performances de oralidades – como as performatizadas no evento de abertura do projeto Diversidades em Performances – eus estéticos, políticos, (pós)identidades e desidentidades, o outro para si mesmo, para não ter que se comportar sempre do mesmo modo, mas sim intercalar-se, permitir que os (pós)feminismos possam deixar-se de lado, se deslocarem, quando seus discursos ameaçarem cair na redundância, para aventurar-se nas margens, para pensar as ortodoxias. Portanto, as oralidades em performances de diversidades de gênero e sexuais evocam polivocalidade, desidentificação, margens que saem das regras normativas, o que vaga fora das forças identitárias.

Arrancam-se das identidades para oscilar criativamente entre o pertencimento, a identificação, o estranhamento e a desidentificação. Emergem assim em ações de pesquisa e extensão conjuntas, revelando enorme potencial de representação e (re)interpretação artística e cultural para torcer os esquemas identitários com maneiras simbolicamente mais complexas, impedindo que se dogmatizem os

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

feminismos, os gêneros, as diversidades e problematizando a oposição sexual, o entrar e sair da política militante, da ação, do reconhecimento institucional.

As performances de oralidades possibilitam recursos simbólicos que (re)ordenam os sentidos com novas constelações de imaginários para renovar, recriar e problematizar continuamente subjetividades e identidades fluidas e desigualdades naturalizadas.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BEUYS, Joseph. **A revolução somos nós**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010.

CARLSON, Marvin. **Performance. Uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem. Criação de um tempo-espaço de experimentação**. 2a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 29a. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **História da sexualidade**. v. 1 A vontade de saber. v. 2 O uso dos prazeres. v. 3 O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da performance. Do futurismo ao presente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro). 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

LOURO, Guacira L. . "Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

MATOS, Marlise. "Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências." **Estudos Feministas**, 2 (16): 333 – 357, maio-agosto, 2008.

RICHARD, Nelly. **Feminismo, género y diferencia** (s). Colección Archivo Feminista. Santiago: Palinodia, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 3 ed., São Paulo: Paulus: 2003.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Andrea Paula dos. **Ponto de Vida: cidadania de mulheres faveladas**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

_____; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Vozes da Marcha pela Terra**. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

_____. "Imagens e sons de histórias do tempo presente e do imediato: identidades e concepções de sujeito, memórias e subjetividades em (des)construção no cotidiano da História". **Revista de História Regional** 12(1): 101-129, Verão, 2007. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2240/1723> Acesso em: 07/06/2014.

_____. "**Corporeidades, oralidades e discursos de memórias frente às tecnologias de informação e comunicação**". In: Oralidades – Revista de História Oral, nº 10, jul-dez/ 2011a, pp. 33-51. Disponível em: <http://artescienciatecnologias.files.wordpress.com/2011/09/artigo-oralidades-andrea-paulados-santos.pdf> Acesso em: 07/06/2012.

_____. "Cultura e arte urbana na região metropolitana de São Paulo: construção de identidades, territórios existenciais e imaginários urbanos". In: **VI Simpósio Brasileiro de Psicologia Política. Associação Brasileira de Psicologia Política-ABPP; EACH/USP Leste, 2011b**. Disponível em: <http://artescienciatecnologias.files.wordpress.com/2011/09/artigoandrea-paula-dos-santos-para-mesa-redonda-6sbpp.pdf> Acesso em: 07/06/2012.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies. An introduction**. 2a. ed., New York/London: Routledge, 2006.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, Especial 1, maio. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p59>

TAYLOR, Diana; TOWNSEND, Sarah J. (eds.) **Stages of Conflict. A critical anthology of Latin American theater and performance.** Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2008.

ZHUMTOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac & Naify, 2007.